

SP-ARTE

08 — 12 . 04 . 2015

OLGA  
DE AMARAL

O MANTO  
DA MEMÓRIA

JIM  
AMARAL

AS CARROÇAS  
DA HUMANIDADE



No seu segundo ano de participação na SP-Arte, a galeria Agnès Monplaisir apresenta dois artistas com carreiras confirmadas internacionalmente porém ainda pouco conhecidos no Brasil: a artista colombiana Olga de Amaral, e o artista americano, baseado em Bogotá Jim Amaral. A galeria traz um conjunto de obras recentes dos dois artistas, todas elas exibidas pela primeira vez no Brasil.

As obras de Jim Amaral evocam mundos além da nossa realidade, onde o tempo é eterno povoado por figuras quiméricas que habitam o inconsciente do artista e que remetem ao inconsciente atemporal da humanidade. Na obra de Olga, a eternidade é materializada pelo mineral incrustado no tecido e que silencioso e imóvel transforma a obra numa forma de monumento, o que podemos ver com clareza na instalação *Estelas*, 2007-2013. Os dois artistas, pela convivência de mais de 50 anos —Jim e Olga têm uma vida comum desde o fim da década de 50— também se influenciaram tecnicamente como não podia deixar de ser. Quando Jim passa a utilizar o gesso na década de 70, para dar mais rigidez ao papel, Olga também começa a experimentar com o mesmo material que finalmente irá transformar seu trabalho.

**TEXTO**

Camila Bechelany

**IMPRENSA**

Magali Deboth | m.deboth@agnesmonplaisir.com

Um catálogo completo da obra de Olga de Amaral publicado recentemente, está disponível.

**PAVILHÃO CICCILLO MATARAZZO**

[Pavilhão da Bienal]

Parque Ibirapuera, Portão 3  
São Paulo, Brasil

**HORÁRIOS DE VISITAÇÃO**

Quinta—Sábado 13h — 21h  
Domingo 11h — 19h

**FOTOGRAFIA**

© David Atlan, © Diego Amaral



## OLGA DE AMARAL

### O MANTO DA MEMÓRIA

As obras de Olga de Amaral reunidas aqui revelam a admirável combinação de textura, cor e espaço do trabalho têxtil-escultural que caracterizam a obra da artista. Suas composições tridimensionais que resultam de uma integração total entre estrutura e superfície são produzidas por um processo longo e delicado que começa pela fabricação artesanal da tapeçaria. Olga, utiliza a fibra de lã, sisal, algodão, linho, e outras como vêm sendo utilizadas pelo homem há séculos. Pela tecelagem, a artista obtém fios que ela dispõe manualmente de forma a produzir uma intrincada estrutura. As esculturas suspensas de Olga evocam assim o artesanato pré-colombiano e questionam também os limites entre a dominação colonial hispânica e as práticas tradicionais. Também podemos identificar no trabalho da artista a afinidade com a arte ótica e o minimalismo abstrato. As cores e sombras que formam contrastes de cor na superfície das telas, como vemos em *Umbrá Roja*, 2014 e em *Media Luna III*, 2014, são inspiradas nos elementos e cores da natureza mas não deixam de ser ao mesmo tempo exemplos de abstração geométrica.

O revestimento com folhas de ouro que vemos em diversas obras da artista e aqui principalmente nas *Estelas* (2007-2013) e na série *Pueblos* de 2013 (*Pueblo Z* e *Pueblo X*) evocam, segundo a artista o sentimento do sagrado, presente em suas memórias das catedrais coloniais da Colômbia mas também no culto que as populações pré-colombianas dedicavam ao ouro. Como testemunha o Museo del Oro de Bogotá, o mineral dourado é símbolo de vida eterna por causa de sua natureza incorruptível, um metal duro, dificilmente maleável. Para a artista a utilização da cor dourada, indica uma conexão subconsciente que cria a sensação de adentrar um espaço de devoção. Como nos *Monogolds* de Yves Klein, o ouro é promessa de eternidade mas contrariamente ao artista francês que aplica as folhas de ouro sobre uma superfície rígida, Olga aplica as folhas sobre suas estruturas macias de tecido para chegar a uma estrutura fluida. “No início, imaginava grandes superfícies douradas. (...) Eu queria que o ouro fosse fluido.”



JIM  
AMARAL

AS CARROÇAS  
DA HUMANIDADE

Jim Amaral fez seus estudos em Standford e na Cranbrook Academy of Arts de Michigan onde conheceu Olga e no início dos anos 1960, o artista se muda definitivamente para Bogotá. Com mais de 50 anos de um trabalho caracterizado por um grande rigor e a utilização de variadas técnicas —além da escultura em metal, Jim é também um grande desenhista e pintor— o artista considera que a criação abriga um mistério. As obras de Jim, exploram assim, os mistérios do inconsciente, da eternidade, da morte, aquilo que une a todos os seres humanos.

As obras apresentadas na SP Arte 2015 formam um conjunto de 7 elegantes esculturas em bronze de pequenas dimensões. As curiosas carroças e carruagens cinzentas são habitadas por esferas e outros volumes desproporcionais e ao mesmo tempo por elementos delicados, como as pequenas hastes em *Carousel: Moon*, 2014 que nos faz imaginar um jardim fossilizado. As esferas podem remeter a planetas esquecidos no espaço sideral ocupando um tempo além da morte. Em *Moon Pyramid*, 2013 e *Riddle: Two Spheres*, 2014 vemos pequenos seres humanos desfigurados que parecem sustentar monumentos na eternidade, num jogo de equilíbrio entre a dureza do bronze e a delicadeza das formas. Suas esculturas e personagens parecem estar viajando de um mundo a outro, de uma obscura realidade de um mundo de sonhos para uma outra dimensão não menos obscura. Parece haver um enigma em que o espectador é levado a responder, ou ao menos a se questionar. A obra está ali mas sua alma parece vagar ou nas palavras de Jim:

*“Me perguntei várias vezes por muitos anos como é morrer. Sair de uma obscuridade para entrar noutra penumbra, a da morte. Grande parte dessa estranha pergunta está em minha escultura e assim a pergunta me altera profundamente. Ninguém tinha visto isto em minhas criações e talvez não seja assim mas, nesta viagem entre duas obscuridades coloco todos os meus esforços para deixar algo que esteja a salvo, algo —muito pequeno— que possa afastar o medo que me oprime.”*





As esculturas quiméricas em bronze de Jim Amaral, parecem habitar um universo distinto daquele da realidade colorida das grandes estruturas brilhantes de Olga, ambos os artistas porém, apresentam uma dimensão atemporal em suas pesquisas estéticas e manifestam em suas obras marcas da história da humanidade e vestígios de uma cultura ancestral e perene.